Ensaio Fotográfico

Narrativa sobre uma cidade não como as outras: Hospital Colônia de Itapuã - A cidade dos condenados

LUIZ EDUARDO ROBINSON ACHUTTI

E-mail: ler@achutti.com.br

Mestre em Antropologia Social e professor na UFRGS.
Doutor em Antropologia pela Université Paris 7 Denis - Diderot. Pesquisador
associado a Phanie, centre de l'ethnologie et de l'image - Paris.

Há mais de sessenta anos a hanseníase, doença infecciosa, era incurável e revestida de muito preconceito. Passando a Vila de Itapuã, no Rio Grande do Sul, no final de uma estrada esburacada, que não levava e não leva a lugar nenhum, foi criada esta cidade hospital para interditar e separar os doentes e salvar o resto da população – assim se entendia.

Os adultos eram separados dos familiares, crianças eram levadas com a mentira de ser uma colônia de férias, de lá nunca mais saíram.

Para tanto foi criada a infra-estrutura de uma verdadeira cidade: padaria, cadeia, cinema, igreja, hospital, escola, cemitério ... até moeda própria havia, para evitar completamente o contágio.

Há poucos anos o governo do estado fez emigrar para lá uma parte da população de doentes mentais internados num dos hospitais da capital. Uma cidade rara e triste, mas com certeza é até

hoje o melhor abrigo para hansenianos do Brasil.

Até pouco tempo o Edu, um estagiário do Estado, nutria um pequeno atelier dedicado a práticas artísticas, nele interagia e protegia aqueles que tivessem interesse. Muitos dos doentes mentais diziam ter medo de ir ao cemitério quando era o caso de enterrar algum vizinho, diziam que era triste e sem cor. Edu então teve a ideia de ir até lá colorir as cruzes do cemitério. Como sempre, a chamada para a formação e marcha se dava por meio de seu trompete.

A população original diminuiu. Os restantes, já septuagenários, lá casaram, tiveram filhos, viveram... A maioria vive nas suas casas, alguns poucos ainda nos quartos do hospital.

A doença tabu ficou conhecida pela medicina, sua cura veio, o medo terminou, eles agora são livres, mas não livres dos preconceitos. Lá fizeram suas vidas com a dignidade possível, lá esperam até que eles e o hospital desapareçam.